

MULHER, DANÇA E GAUCHISMO: REFLEXÕES INICIAIS SOBRE O PROTAGONISMO FEMININO NO ENSINO DE DANÇAS TRADICIONAIS

CINTIA QUINTANA MENDES¹; THIAGO SILVA DE AMORIM JESUS³

¹*Universidade Federal de Pelotas – cintiamendezdanca@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – thiagofolclore@gmail.com*

1. INTRODUÇÃO

Atuo como dançarina há aproximadamente 24 anos junto ao MTG, sendo que nos últimos 10 anos passei a dar aulas e a coordenar grupos de dança em toda metade sul do Rio Grande do Sul. Nesse período, ao tornar consciente minha atuação como professora, pude perceber que em muitos casos, minha atuação era como coadjuvante, e tal sensação/ sentimento, não se restringia somente as minhas atuações.

A partir de minhas observações e experiências, inquietei-me ao perceber que na maioria dos grupos aos quais destinei tal reflexão, foram raras as vezes que tive a figura da mulher como professora neste meio. Quando ocorrido, pude identificar que as professoras (mulheres), ocupam um papel secundário, quase que auxiliares no desenvolvimento do trabalho. Em várias situações, elas atuavam bem mais que seus parceiros (homens), porém na hora de receber os “louros” por esse trabalho, em muitos casos o nome dos professores (homens) era exaltado.

Foi com meu ingresso na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), no curso de licenciatura em danças, que tais inquietações se potencializaram. Ao ter acesso a reflexões e até mesmo literaturas que flertavam com meus questionamentos, entendi a necessidade de entender meu processo como dançaria, como professora de dança, e a representatividade feminina no desenvolvimento do processo de ensino/aprendizagem de danças tradicionais do Rio Grande do Sul, dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho. (MTG).

Neste sentido, o presente estudo apresenta algumas reflexões em processo de realização do trabalho de conclusão de curso no Curso de Dança - Licenciatura da UFPel, no qual proponho refletir sobre o papel da professora mulher nos grupos de danças tradicionais gaúchas, tendo base minha própria experiência.

2. METODOLOGIA

A metodologia que será utilizada neste trabalho reporta a uma pesquisa qualitativa, etnográfica com atravessamentos da autoetnografia. Este processo teve início em agosto de 2018, tendo como previsão de término o mês de novembro de 2019. Para tal estudo, são adotados como sujeitos as professoras mulheres de grupo de danças tradicionais adultos que atuam na cidade de Pelotas atualmente, além da própria pesquisadora. Os instrumentos adotados são diário de campo, entrevistas semi-estruturadas e análise documental.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em um momento histórico em que se discute cada vez mais o papel feminino na sociedade contemporânea, entendo que o trabalho se justifica pela necessidade da reflexão sobre o papel da mulher/professora de dança junto ao movimento tradicionalista gaúcho (MTG), e olhando além do dançar, o quanto tal prática está contribuindo para reproduzirmos e reforçarmos desigualdades entre gêneros.

Hipoteticamente, e assumindo os riscos de uma análise a partir de minhas experiências como dançarina e professora de danças tradicionais gaúchas, entendo que não são raros os casos, onde os processos de ensino aprendizagem de tal modalidade, não recebem a atenção necessária.

É fato comum, a iniciação, e posteriormente a afirmação de tais educadores acontecer de forma amadora e voluntária, prestando-se tão somente a executar os ditos de um manual. Essa prática, muito possivelmente poderá causar danos irreversíveis de ordem físico-motor, técnico, mas acima de tudo artístico.

Corroborando com tal reflexão, temos os escritos de Camillo e Pereira (2013), que dizem:

A dança principalmente nos centros de tradições gaúchas ainda se processa de forma empírica onde muitas vezes o profissional não possui o conhecimento pedagógico necessário para um planejamento adequado e um tratamento correto junto aos Educandos. (2013, p. 13)

Não é comum dentro dos C.T.G's um processo pautado na capacidade crítica ou reflexiva a respeito do processo de ensino de aprendizagem da dança, e, em especial, debatendo as questões de gênero.

É possível então, para a reflexão de tais práxis, o cruzamento entre definições das literaturas basilares dentro do MTG, como a própria obra de Paixão Cortes, que serve como referência máxima para as danças tradicionais do Rio Grande do Sul, suas reedições, a partir de autores como Rinaldo Solto, Toni Sidi Pereira, Marco Aurélio Ávila, a obra literária que vai além da relação com a dança.

É notório que contemporaneamente, a mulher, assim como outras representatividades sociais, vem buscando e encontrando um novo local no dispositivo social. Os processos de caracterização de gêneros são muito profundos, enraizados, disseminados a muitas gerações, tendo por exemplo, as determinações de cores que caracterizam gêneros, e brincadeiras destinadas a meninos e meninas, apontando modos e costumes, e da mesma forma, desconsiderando qualquer outra possibilidade de orientação sexual desde muito cedo.

A pesquisa do Instituto de Pesquisa Economia Aplicada (IPEA), do ano de 2014, vai ao encontro dessas reflexões, quando relata:

Nossa sociedade é violenta contra as populações marginalizadas e as mulheres compõem essa população. A culpa da violência sexual nunca é das mulheres. Temos que educar os meninos a não estuprar. Hoje eles aprendem que uma menina que se veste de uma determinada forma está provocando e que eles têm uma pretensa autorização para fazer uso daquele corpo que está sendo exposto. Temos que interferir nesse processo. (MADSEN, 2014)

No meu ponto de vista, trata-se de um processo muito lento e doloroso para toda a sociedade, uma vez que não é um consenso a preocupação com tal questão social.

Ainda assim, as artes em geral, tendem a ser uma ferramenta poderosíssima no auxílio para a problematização desse assunto. O que nos anima é que as mulheres cada vez mais ocupam lugar de destaque (como protagonista) na música, nas artes cênicas e visuais, e mesmo na dança.

4. CONCLUSÕES

Entendo que as danças tradicionais do Rio Grande do Sul, acenam para a contramão desse fluxo de igualdade entre gêneros na dança. A danças folclóricas gaúchas, reproduzem o período histórico cultural onde as mulheres assumiam a posição de submissas, e dessa forma, são práticas passíveis de questionamentos, assim como nos grifos de Nina Madsen (2014).

(...) os parâmetros educacionais e culturais precisam ser modificados. “É preciso atuar com muita força e continuidade na mudança cultural e a educação formal tem que incorporar os conteúdos que dizem respeito aos direitos das mulheres e à igualdade de gênero (Madsen, 2014).

Desse modo, todos movimentos reafirmam esse posicionamento, onde os homens conduzem os passos, acenam com sapateios que indicam suas intenções de conquista, e as mulheres simplesmente aceitam o galanteio e a condução de seus parceiros.

Reforçando essa reflexão, podemos visualizar os escritos de Tau Golin (1987), importante pensador sobre a condição do gauchismo e do tradicionalismo no Rio Grande do Sul, que nos diz:

O tradicionalismo reproduz nos centros urbanos o “universo” da estância. As pessoas refletem, impulsionadas por sua ideologia, a mesma hierarquia social e a mesma emoção entre os sexos. A mulher, com isso, já com papel secundário ou nulo na produção pastoril, quando passa a fazer parte das relações do latifúndio nas etapas das ideias, surge exatamente como componente reprodutor, a parte acessória. Assim, com um papel inferior ao homem na produção, fica com uma posição diminuída nesse meio das mercadorias. (GOLIN, 1987, pg. 59)

É notória a reprodução de um período histórico euro-centrista, de machismo e imposição social. No atual momento dessa pesquisa, trago como hipótese o papel secundário da professora de dança, quase como auxiliar do processo, reafirmando os passos da condução masculina, mas acima de tudo, apontado para uma possível submissão das mulheres na contemporaneidade, ou seja: Se nossas danças são assim, se os professores (homens) são quem ensinam, é justo que em nossa sociedade, as mulheres continuem como essa representação artística que, muitas vezes, assumem o lugar de folclore de nosso estado adotando a nomenclatura de tradição.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMILLO, Jeferson; PEREREIRA, Toni Sidi. **Danças Folclóricas e tradicionais gaúchas: uma proposta Pedagógica**. Porto Alegre, Martins Livreiro, 2013.

GOLIN, Tau. **Por Debaixo do Poncho – Contribuição à crítica da cultura gauchesca**. Porto Alegre, Tchê! Editora Ltda, 1987.

MADSEN, Nina – **Pesquisa do Instituto Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)** – Ministério do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão. Brasília, Distrito Federal, 2014.

SARAIVA, Glaucus. **Carta de princípios do Movimento Tradicionalista**. In: SARAIVA, Glaucus. Manual do tradicionalista. Porto Alegre: Sulina, 1968, p. 1719.